

O final feliz de uma história de amor improvável

Assim como a Patricia e eu não temos quase nada em comum, a educação que demos a nossos cães também era meio incompatível. Por isso, quando eles voltaram do treinamento conseguindo conviver, e isso permitiu um espaçamento nas mudanças, suspiramos aliviadas: “Nossa vida vai mudar!”

E mudou mesmo, especialmente para eles: só o que não estranharam foram as secretárias domésticas, ambas baixinhas, gordinhas e amorosas. De resto...

O Oliver era peludo e tomava banho uma vez por semana, no *petshop*. A Aretha tinha pêlo curto e tomava banho a cada 15 dias, no chuveirinho de casa. Ele sempre morou em apartamento e passeava de duas a três vezes por dia; enquanto ela tinha a garagem pra ver pessoas e se exercitar, e passeava uma vez só. O Oliver era mimado com toda sorte de quitutes humanos, de pipoca a queijo branco; a Aretha só comia ração seca e patê canino e não pedia comida pras pessoas. E o mais importante de tudo: o Oliver dormia no quarto da Patricia; a Aretha dormia em sua própria casinha, no quintal.

Apesar do curso no canil, a personalidade de ambos não mudou: um era velhinho, gordinho, e já não ligava pra

brincadeiras, e a outra era uma adolescente atlética e cheia de energia que brincava com qualquer coisa, incluindo seus semelhantes em repouso inerte. Mas fechamos os olhos a isso e, nos meses iniciais, celebramos a alegria do Oliver por tomar menos banhos, a alegria da Aretha por ganhar uns petiscos, a alegria da Patricia de tê-los dormindo conosco, e a dupla alegria da D. Angelina e da Fátima por terem, cada uma, um cão a mais para papapicar.

Algum tempo depois, entretanto, ficou claro que as coisas não estavam fluindo como sonhávamos. Quando estávamos no apartamento da Patricia, a Aretha sentia falta de ficar no portão recebendo os afagos da vizinhança, e a Fátima chegou a destroncar o ombro ao evitar que ela esmagasse, de brincadeira, o *yorkshire* do 64. Quando estávamos na Lapa, eu tinha dificuldade de dormir com ambos roncando no quarto, e o Oliver sentia falta dos cânticos evangélicos da Fátima. Em ambas as moradias, ele se ressentia de dividir as atenções e ela estava desolada pelo temperamento sedentário dele.

O Oliver cochilava no sofá e a Aretha saltava sobre ele, arfando e babando, esperando que começasse uma perseguição – ele rosnava e ia perseguir um canto mais sossegado. O Oliver dormitava na casinha dela e ela começava a se coçar na entrada, fazendo toda a estrutura tremer, até que ele acordasse e partisse pra cima dela – ele acordava e partia pra almofada. O Oliver tirava uma soneca, a Aretha atirava um brinquedinho em cima dele e saía correndo – ele permanecia imóvel, dormindo com o brinquedo caído sobre o focinho e ignorando seus latidos de “Vem brincar comigo, vem brincar comigo!” Aquilo irritou a Aretha a ponto de, em represália a tanta

indiferença, ter começado a sabotar as propriedades dele: comeu duas camas, destruiu um comedouro, transformou um casaco de inverno em tiras bem fininhas de *plush* xadrez e, num ato desesperado por atenção, comeu uma verruga que ele tinha no alto da cabeça.

Nada disso tendo funcionado, partiu para viver num sítio fora de São Paulo. Lá, além de brincar o dia inteiro com um outro *boxer*, tem todos os alunos da escola municipal batendo ponto em seu portão.